

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO DESTINADA A INVESTIGAR A ATUAÇÃO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI) E DO INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA) NA DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS E DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS – CPI FUNAI e INCRA

REQUERIMENTO Nº DE 2016.
(Do Sr. Patrus Ananias - PT/MG e outros)

Requer a convocação do Excelentíssimo Senhor General Sérgio Etchegoyen, Ministro-Chefe Interino do Gabinete de Segurança Institucional, para prestar pessoalmente informações a esta Comissão de Inquérito acerca de declarações publicadas pela imprensa sobre as atividades a serem realizadas por este Gabinete.

Senhor Presidente:

Requeiro nos termos do artigo 24, IV, do Regimento Interno, combinado com o artigo 50 da Constituição Federal, a convocação do Excelentíssimo Senhor General Sérgio Etchegoyen, Ministro-Chefe Interino do Gabinete de Segurança Institucional, para prestar pessoalmente informações a esta Comissão de Inquérito acerca de declaração publicadas pela imprensa sobre as atividades a serem realizadas por este Gabinete.

JUSTIFICAÇÃO

O Gabinete de Segurança Institucional – GSI foi recriado pela MP 726 de maio de 2016 e tem como Ministro-Chefe Interino o General Sérgio Etchegoyen. Na estrutura do Gabinete está incluída a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), o Ministro também será o Secretário-Executivo do Conselho de Defesa Nacional e Presidente da Câmara de Relações Exteriores e Defesa Nacional. Nos últimos dias a imprensa nacional publicou matérias sobre os trabalhos que serão realizados pela área de inteligência do Governo Federal, sendo informada que das missões recebidas está o monitoramento dos movimentos sociais, especialmente no campo e grupos radicais nas cidades. Matérias abaixo:

General vai auxiliar Michel Temer a monitorar movimentos sociais e grupos radicais. O novo ministro do GSI quer evitar surpresas como as grandes

manifestações de 2013, que pegaram o governo desprevenido. Temer terá informações exclusivas sobre o quadro político.

Parte da matéria publicada em 02/06/2016 por Carlos Amorim.

<https://carlosamorim.com/2016/06/02/>

O general Sérgio Westphalen Etchegoyen vem de uma família de militares gaúchos. Tem 64 anos, é casado, pai de três filhos e avô. Seus colegas de farda o consideram um comandante linha dura, um dos responsáveis pelo Plano Nacional de Defesa. Tem experiência de comando de tropas e missões no exterior. Era chefe do Estado Maior do Exército quando foi convidado para o cargo de ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI). Temer recriou o gabinete, extinto por Dilma, por sugestão do comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, e do ex-ministro da Defesa Nelson Jobim. Com a nomeação, Michel Temer fica bem na foto com os militares.

O general Etchegoyen assume também o comando da Agência Brasileira de Informações (Abin), que tem tarefas de informação, contrainformação e espionagem. O general será o interlocutor do governo com toda a área de inteligência militar. Caberá a ele o monitoramento dos movimentos sociais, especialmente no campo, e de grupos radicais nas cidades. Entre os alvos na zona rural estão o MST, a Liga dos Camponeses Pobres (atua na região amazônica), a Via Campesina e outros grupos menores, todos de esquerda. Nas cidades, a preocupação é com o MTST, o MEPR (Movimento Estudantil Popular Revolucionário), os black blocs, anarquistas e tendências jovens dispostas a recorrer à violência durante protestos.

Chefe do GSI nomeado por Temer é de ala que vê MST com preocupação



Sérgio Etchegoyen, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional

MARCO ANTÔNIO MARTINS DO RIO 30/05/2016 - 02h00 - UOL

Nomeado ministro-chefe do ressurrecto GSI (Gabinete de Segurança Institucional) pelo presidente interino Michel Temer, o general Sérgio Etchegoyen, 64, faz parte de uma ala do Exército que vê com preocupação as manifestações do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e de outros grupos.

Etchegoyen é o estrategista responsável pelo Plano de Defesa Nacional e sob seu comando está a Abin (Agência Brasileira de Inteligência), que será usada para cumprir a missão que o general recebeu: monitorar os movimentos de esquerda.

À Folha, por e-mail, ele afirmou que, até o momento, não distribuiu nenhuma diretriz à Abin sobre esses grupos.

Em junho de 2015, em palestra para a sociedade israelita de Porto Alegre (RS), o militar relatou como generais viam o tema: "Não regulamos ainda o crime de terrorismo no país para não atingir os movimentos sociais. É preciso cuidar da preservação da coesão social e olhar aqueles que saem da legitimidade."

Militares ouvidos pela Folha afirmam que, sob seu comando, o GSI fará um intenso levantamento de movimentos de esquerda, para evitar que o governo seja surpreendido como nas manifestações de junho de 2013.

MODELO DE CONVÍVIO

Nascido em Cruz Alta (RS) –onde conheceu o atual chefe do Exército, Eduardo Villas Bôas–, Sérgio Etchegoyen vem de uma família que está há 99 anos no Exército: são três gerações de generais.

Seu avô Alcides Gonçalves foi chefe da polícia do Distrito Federal durante o Estado Novo (1937-1945), substituindo Filinto Müller. Seu pai, Leo Guedes, protegeu e fez elogios à atuação do DOI-Codi paulista durante a ditadura militar (1964-1985).

Seu tio Cyro Etchegoyen foi chefe do CIE (Centro de Informações do Exército) durante a ditadura e, segundo testemunhas disseram à Comissão Nacional da Verdade, era um dos responsáveis pelo funcionamento do centro de tortura conhecido como "Casa da Morte", em Petrópolis (RJ).

Formado em administração pela Universidade da Amazônia, estudou também na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende (RJ), entre 1971 e 1974.

Como capitão, Etchegoyen chegou a ser preso pelo general Newton Cruz, chefe do SNI, em 1983, por ter defendido a decisão de seu pai de depor em uma CPI sobre a dívida externa –Cruz era contrário que militares se apresentassem para depor a civis.

No início da década de 90, o general serviu em El Salvador como chefe de uma missão das Nações Unidas. Depois, foi comandante da Escola de Aperfeiçoamento dos Sargentos das Armas.

Após chefiar a Comissão do Exército Brasileiro em Washington (EUA), entre 2001 e 2003, foi assessor do então ministro da Defesa, Nelson Jobim –apontado como um dos fiadores de sua escolha para o GSI.

Em 2014, como chefe do Departamento de Pessoal do Exército, classificou como "leviano" o relatório final da Comissão Nacional da Verdade. O documento trazia os nomes de seu pai e de seu tio entre os 377 agentes do Estado que atuaram a favor da tortura.

Etchegoyen foi o único militar da ativa a se manifestar sobre o relatório –numa carta que, segundo ele, expressava a opinião da família.

O general é conhecido entre colegas de farda por suas posições claras sobre a Amazônia e os países bolivarianos.

"O bolivarianismo só dá certo na Venezuela pelo baixo nível de suas Forças Armadas", já afirmou. "No Brasil, criamos um modelo de convívio entre

Forças Armadas, o governo e a sociedade. As Forças Armadas não oferecem ameaça à sociedade.

Por essas razões apresentamos o presente requerimento.

Sala das Sessões, em de Junho de 2016.

Patrus Ananias
Deputado Federal – PT/MG

Beto Faro
Deputado Federal – PT/PA

Nilto Tatto
Deputado Federal – PT/SP

Valmir Assunção
Deputado Federal – PT/BA

Adelmo Leão
Deputado Federal – PT/MG

Érika Kokay
Deputada Federal – PT/DF

Marcon
Deputado Federal – PT/RS